

Saúde mental na educação infantil: o papel da escola no acolhimento e na identificação de sinais de alerta.

Ariadine Lopes da Silva Moraes, Pedagogia, Centro Universitário Integrado, Brasil.

Luana Gabriele Cavalheiro, Pedagogia, Centro Universitário Integrado, Brasil.

Claudia de Souza Rocha, Mestrado-Profei, Universidade Estadual do Paraná- Unespar, Campo Mourão

INTRODUÇÃO

A infância é um período de intensas transformações neurobiológicas e sociais, sendo considerada a base para a formação da personalidade e do equilíbrio emocional do indivíduo. No contexto da educação infantil, a escola deixa de ser apenas um espaço de instrução para se tornar um ambiente crucial de socialização e observação do desenvolvimento. A problemática dos transtornos mentais em crianças pequenas tem ganhado relevância devido ao aumento de diagnósticos e à necessidade de intervenções que não apenas tratem sintomas, mas que acolham a subjetividade infantil. A saúde mental na educação infantil é um aspecto fundamental para o desenvolvimento integral da criança; sendo assim, nos primeiros anos de vida, as experiências vividas impactam diretamente a formação da autoestima e das habilidades de interação social.

A delimitação deste estudo foca na atuação docente frente aos sinais de sofrimento psíquico em crianças de 0 a 5 anos. Justifica-se a relevância desta pesquisa pela carência de protocolos claros nas instituições de ensino para lidar com demandas emocionais que fogem ao comportamento padrão esperado para a faixa etária. Academicamente, o tema contribui para a discussão sobre a "patologização" da infância, enquanto, profissionalmente, auxilia educadores a diferenciarem marcos do desenvolvimento de possíveis sinais de alerta. Nesse contexto, professores e profissionais da educação são frequentemente os primeiros a observar mudanças no comportamento infantil, tornando-se agentes importantes na identificação precoce de possíveis dificuldades emocionais.

O objetivo geral deste trabalho é analisar, com base na literatura científica, as estratégias de identificação precoce e acolhimento de transtornos mentais na educação infantil. O acolhimento no ambiente escolar deve ser baseado em relações afetivas, escuta sensível e respeito às individualidades. Especificamente, busca-se compreender o papel da escola como rede de proteção e as formas éticas de interlocução com as famílias. Para Bicanolino, Maccari e Rabechini (2012), a clareza nos objetivos é o que sustenta a viabilidade de uma pesquisa acadêmica.

MÉTODO

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, baseando-se em uma revisão bibliográfica de natureza narrativa. Segundo a metodologia proposta para este resumo expandido, o desenvolvimento do trabalho fundamentou-se na seleção e

análise de artigos científicos e manuais de diretrizes em saúde mental escolar. O *corpus* principal de análise foi o documento "Saúde Mental na Escola: identificação e acolhimento dos estudantes", publicado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), além de artigos complementares indexados em bases de dados como SciELO.

Os critérios de inclusão foram: textos publicados em língua portuguesa que abordassem especificamente a saúde mental no ambiente escolar e que propusessem estratégias práticas para educadores. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, sintetizando os principais pontos de convergência entre os autores consultados sobre o manejo de comportamentos atípicos na primeira infância (STALLARD, 2007).

REVISÃO DE LITERATURA

A saúde mental na primeira infância não deve ser compreendida apenas como a ausência de transtornos diagnosticáveis, mas como a capacidade da criança de vivenciar, regular e expressar emoções. Pesquisas investigam a prevalência mundial e a incapacidade gerada por transtornos mentais na infância e adolescência; na faixa etária dos 5 aos 9 anos, por exemplo, predominam o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) e o transtorno de conduta, os quais são mais frequentes em meninos. Apesar do início precoce, tais transtornos atingem um pico no final da infância e início da adolescência, por volta dos 10 aos 14 anos.

De acordo com a UFMS (2021), a escola é, muitas vezes, o primeiro local onde sinais de sofrimento psíquico se tornam visíveis, uma vez que a convivência com pares e a exposição a regras sociais revelam dificuldades que o ambiente familiar pode ter naturalizado. Ao considerar o impacto do ambiente escolar na saúde mental dos estudantes, torna-se necessário conhecer os elementos que compõem o clima escolar. Segundo Podiya et al. (2025), esses fatores incluem: A participação dos pais na vida escolar dos filhos; O sentimento de pertencimento dos estudantes em relação aos colegas; A percepção de segurança dentro da instituição; A metodologia de ensino dos conteúdos; A qualidade do relacionamento com os professores; A pressão sentida por conta de provas e avaliações; O ambiente geral da escola.

Cada aluno traz consigo uma trajetória única, marcada por seu próprio ritmo e vivências. Essa bagagem vai além das preferências de aprendizagem, englobando questões de origem étnica, cultura, condições socioeconômicas, gênero e outras subjetividades. Reconhecer essa diversidade constitui o passo inicial para assegurar o suporte indispensável ao desenvolvimento integral de cada um. Falar em necessidades educacionais específicas é, portanto, lançar esse olhar atento e individualizado sobre o que cada estudante demanda para, de fato, participar e evoluir dentro do ambiente escolar (Aragão, 2023). Um dos maiores desafios apontados pela literatura é a diferenciação entre o temperamento da criança e um possível transtorno mental. Sinais como isolamento social persistente, agressividade desproporcional, mudanças súbitas nos hábitos de sono ou alimentação e regressões em marcos já conquistados (como o desmame ou o controle dos esfíncteres) são indicadores que demandam atenção cuidadosa. No entanto, é imperativo que a escola evite o

"diagnosticismo". O papel do professor, conforme o sistema de acolhimento proposto pela UFMS, não é atribuir nomes técnicos aos comportamentos, mas descrevê-los objetivamente e oferecer um ambiente seguro.

Um ambiente escolar que acolhe de verdade é aquele que abre espaço para que os estudantes expressem o que sentem com liberdade, criando um terreno fértil para a aprendizagem. Ao notar qualquer sinal de alerta, cabe à escola agir com prudência, priorizando o diálogo com a família e, se houver necessidade, orientando o encaminhamento a profissionais especializados. É fundamental que essa comunicação ocorra de maneira empática, longe de tons acusatórios. Conforme orienta o documento da UFMS (2021), a instituição deve se posicionar como parceira dos familiares na busca por suporte, assegurando que a criança não sofra estigmas nem seja privada das atividades pedagógicas junto aos seus pares.

A organização do espaço escolar também atua como fator de proteção ou agravamento. Crianças com transtornos de ansiedade ou do Espectro Autista, por exemplo, podem ter crises desencadeadas por excesso de estímulos sonoros ou visuais; portanto, a adaptação pedagógica e a previsibilidade da rotina são ferramentas terapêuticas indiretas fundamentais. Além disso, a literatura reforça a importância da "alfabetização emocional", que consiste em ajudar a criança a nomear o que sente (medo, frustração, raiva) para desenvolver mecanismos de autorregulação.

Dentro dessa perspectiva, o compromisso reside em assegurar uma educação de qualidade para todos, respeitando as singularidades de cada trajetória. A alfabetização emocional surge, então, como a habilidade de identificar, ponderar e compreender tanto as próprias emoções quanto as de quem nos cerca. Esse olhar não é recente: Charles Darwin, ainda no século XIX, já destacava como a compreensão das emoções foi vital para a sobrevivência e evolução das espécies. Diante disso, a escola consolida-se como um espaço privilegiado — e estratégico — para fomentar o bem-estar emocional e agir na prevenção, tornando-se o elo fundamental na identificação precoce de crianças que precisam de suporte especializado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão realizada, conclui-se que a saúde mental na educação infantil exige um olhar que ultrapasse o ensino formal e alcance a dimensão do cuidado. Foi possível observar que a identificação precoce de sinais de alerta pela escola pode mudar drasticamente o prognóstico de crianças com transtornos mentais, permitindo que recebam suporte adequado ainda nos anos de maior plasticidade cerebral.

Os objetivos iniciais foram atingidos ao identificar que o acolhimento e a observação ética são as principais ferramentas do educador. Como limitações, este trabalho aponta a escassez de formação específica sobre o tema nos cursos de graduação. Sugere-se, para estudos posteriores, a investigação de protocolos de intervenção prática em momentos de crise de regulação emocional em sala de aula, bem como o impacto da saúde mental do próprio educador nesse processo. É necessário considerar que, em boa parte das escolas, existem salas de aula

lotadas com crianças apresentando diversos tipos de diagnósticos e, na maioria das vezes, sem um auxiliar, contando apenas com o apoio do pedagogo, que também se encontra sobrecarregado.

Além disso, ressalta-se a importância de criar uma rede de apoio ativa na escola, na qual o professor não seja apenas um elaborador de relatórios sobre as dificuldades dos alunos, mas tenha a oportunidade de esgotar todas as observações e possíveis ações para transformar a realidade das crianças. A oferta de profissionais para auxiliar o docente a identificar tais transtornos, sem interferir no trabalho cotidiano, traria mais eficiência ao encaminhamento e à condução do desenvolvimento dessas observações.

Deve-se considerar, também, a criação de espaços adequados para atender crianças com tais diagnósticos, levando em conta a real capacidade da escola em receber determinados alunos, visto que ainda existem instituições e profissionais que caminham a passos lentos no que diz respeito ao saber trabalhar com certas demandas. Por fim, é fundamental estabelecer um trabalho conjunto entre escola e família para atingir melhores resultados; essa rede de apoio deve ser a conexão essencial para o pleno desenvolvimento infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental infantil. Educação infantil. Acolhimento pedagógico. Desenvolvimento infantil.

AGRADECIMENTOS: O presente trabalho contou com financiamento da CAPES, à qual agradecemos imensamente pela bolsa concedida.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, A. C. L. Além da sala de aula: parcerias entre professor, família e escola na Educação Inclusiva. **Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, [s. l.], v. 7, p. 218-232, 2023. Disponível em: <https://link.ufms.br/SHXns>. Acesso em: 30 mar. 2025.

BIANCOLINO, C. A.; KNISS, C. T.; MACCARI, E. A.; RABECHINI JR., R. Protocolo para elaboração de relatos de produção técnica. **Revista de Gestão e Projetos**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 294-307, 2012.

PODIYA, J. K.; NAVANEETHAM, J.; BHOLA, P. Influências do clima escolar na saúde emocional e no desempenho acadêmico de adolescentes em idade escolar na Índia: uma revisão sistemática. **BMC Public Health**, [s. l.], v. 25, n. 54, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-024-21268-0>. Acesso em: [inserir data de acesso].

STALLARD, Paul. **Ansiedade**: terapia cognitivo-comportamental para crianças e jovens. Porto Alegre: Artmed, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Saúde mental na escola**: identificação e acolhimento dos estudantes. Campo Grande: UFMS, 2021.